



Pesquisa propõe sustentabilidade ambiental em pólo moveleiro

Professora da UFMA defende tese na USP



empresas do pólo moveleiro de Itatiba/SP.

A partir da estruturação dos Arranjos Produtivos Locais (APL) Madeira-Móveis em diversas regiões do país, as indústrias moveleiras começam a se articular para discutir os principais desafios comuns que precisam enfrentar para elevar o crescimento do setor. Dentre eles, a questão da sustentabilidade ambiental como valor corporativo tem sido indicado como um dos mais importantes, tanto para reduzir as perdas e os riscos na atividade, como para aumentar a rentabilidade e atingir novos segmentos de mercado.

Com objetivo de mapear o processo de desenvolvimento de produtos no setor moveleiro, a designer Patrícia Azevedo concluiu a pesquisa "Estratégias e requisitos ambientais no processo de desenvolvimento de produtos na indústria de móvel sob encomenda". Orientada pelo professor Geraldo Bortoletto e com a co-orientação da professora Adriana Nolasco do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Patrícia fez um estudo de caso em 18

O estudo promoveu uma análise descritiva e qualitativa fundamentada em ferramentas de ecodesign para o processo de desenvolvimento de produtos (PDP). A análise abordou os três níveis de decisão nas empresas: diretoria (planejamento estratégico), designer (planejamento de projeto) e gerente de produção (produção).

Segundo a pesquisadora, na década de 1980 Itatiba foi considerada a capital do móvel no Brasil e, de lá pra cá ela perdeu essa característica por alguns fatores. "Os móveis produzidos ali são da linha colonial, utilizam madeira maciça, proveniente no norte e nordeste do País. Com as mudanças na legislação ambiental, as empresas do Pólo de Itatiba passaram a enfrentar entraves legais no que se refere à extração e transporte do material". Além disso, a designer lembra que a massificação da produção moveleira, na qual temos um produto menos durável, feitos a partir de painéis de aglomerado ou MDF, barateou a produção. "Há uma mudança de comportamento do consumidor, que passa a preferir móveis mais baratos, ainda que sua durabilidade seja bem menor e mesmo que não apresente o viés da exclusividade".

Os resultados da pesquisa indicam que os fatores econômicos ainda ditam a forma das empresas responderem às questões ambientais, buscando continuamente adequação às leis e regulamentos ou a redução dos custos de produção, principalmente por se tratarem de micro e pequenas. Além disso, a ausência planejamento de negócios ou uma organização administrativa estruturada dificulta a inserção de requisitos ambientais no PDP. Além da falta de profissionais capacitados na área de desenvolvimento de produtos propiciando o aumento das dificuldades em estruturar o setor. "Algumas acreditam que já fazem aproveitamento das sobras, confeccionando puxadores de gavetas, tábuas de carne e faqueiros, etc. Mas o bom planejamento é aquele que considera o conceito da redução das sobras e não simplesmente continuar reaproveitando. O ideal é planejar para não sobrar". O baixo nível escolar desses profissionais é um fator que dificulta o aprimoramento das estratégias de planejamento e o aperfeiçoamento da produção. Há na maioria dos casos apenas a reprodução de um desenho trazido pelo cliente em um recorte de revista, mas raramente existe um questionamento do melhor uso da matéria prima. "É nessa falta de planejamento que se encontram as perdas. Pedacos de mogno usados em parte estrutural, sendo pintados de branco e ou empregados em local em que não se aproveitaria o aspecto estético da madeira maciça", comenta Patrícia.

Como retorno aos produtores de móveis, a pesquisa propõe que as empresas passem a atuar dentro de uma estrutura empreendedora e que empreguem requisitos ambientais em seu planejamento. Uma das questões levantadas foi a atuação do projetista. "Se o profissional responsável por essa função tiver a mínima formação na área de desenvolvimento de produto, ele consegue perceber logo no projeto maneiras de interferir na idéia de modo a reduzir perdas com um simples planejamento de corte dos painéis ou peças maciças, estudo da qualidade do material, do tipo de encaixe ou junção, o emprego de adesivos químicos menos tóxicos", pondera a autora do trabalho.

A pesquisa indica que o planejamento estratégico daria subsídios para que os produtores se informassem de maneira clara sobre a minimização de sobras. "Uma das empresas, por exemplo, faz doação das sobras para uma panificadora, mas acontece que nessas sobras encontramos MDF, que concentra substâncias tóxicas do seu processo de produção e, ao ser queimado, acaba liberando essas toxinas a céu aberto", conta Patrícia Azevedo.

Finalizando, a pesquisadora enviou um relatório individual para cada empresa, tanto para as que contam com 180 funcionários, quanto para aquelas que tocam suas atividades apenas com 3 pessoas da mesma família. "Nas informações repassadas procuramos destacar a importância de atuarem de forma planejada, avaliando todo o processo, desde a origem da matéria prima até o descarte final. A intenção era trabalhar o conceito de que é possível obter o mesmo rendimento a partir da preocupação com seu entorno e com o emprego de estratégias de sustentabilidade ambiental. Para esses produtores, essa é uma postura que contribui inclusive com a imagem do seu empreendimento, podendo aumentar sua cartela de clientes. É possível criar benefícios praticando apenas algumas alterações de conduta. Esse foi o grande desafio da pesquisa".

Fonte: Caio Albuquerque